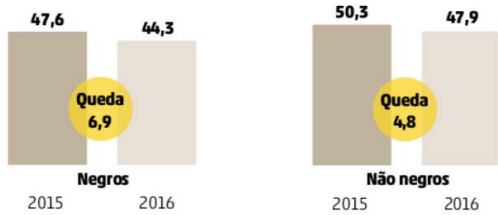


Negros são os mais afetados por crise no mercado de trabalho

DISCRIMINAÇÃO APONTADA EM PESQUISA na Região Metropolitana teve piora significativa em 2016

DISPARIDADE RACIAL

TAXA DE OCUPAÇÃO* (EM%)



*proporção da população em idade ativa que está ocupada

REDUÇÃO DA TAXA DE OCUPAÇÃO DOS NEGROS POR SETOR (2015-2016)



ITAMAR MELO

itamar.melo@zerohora.com.br

Os negros sofrem mais com o desemprego, ocupam trabalhos piores e têm remuneração mais baixa, aponta a Pesquisa Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre, divulgada na manhã de ontem na sede da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Nada de novo até aí. Essa discriminação no mercado de trabalho já havia aparecido em edições anteriores do levantamento. A novidade é que, com a recente crise econômica, quem já estava em desvantagem ainda teve de amargar a piora mais significativa. De 2015 para 2016, a população negra perdeu mais emprego e mais renda do que os não negros.

Conforme os dados levantados, o desemprego entre os negros aumentou 27,8% entre 2015 e 2016, contra um incremento de 22,2% no restante da população. A taxa passou de 12,6% para 16,1% em apenas um ano. Enquanto isso, entre não negros, registrou-se um patamar mais baixo, com o desemprego crescendo de 8,1% para 9,9%.

A queda na renda dos ocupados também foi generalizada, mas abocanhou mais recursos dos afrodescendentes. A renda média dos negros, que já era mais baixa, caiu 10,1% (de R\$ 1.652 para R\$ 1.486). Entre os não negros, a queda foi de 8,1% (de R\$ 2.203 para R\$ 2.025).

Os dados alarmaram os pesquisadores porque revelaram um aumento da desigualdade racial no mercado de trabalho. Apesar de historicamente apresentarem indicadores piores, os negros haviam conseguido reduzir as diferenças ao longo da década passada, durante o bom

momento econômico do país. Com a recessão, o processo se inverteu.

– Olhando para os anos 2000, estávamos na direção de uma redução das desigualdades nas taxas de desemprego. Em 2016, o que se viu é que houve um aumento no desemprego para o total da população, porém a intensidade desse crescimento foi maior para a população negra. O mesmo aconteceu com a renda. Os negros já têm uma inserção mais precária no mercado de trabalho. Nestes últimos anos, os poucos que estavam ocupando postos de trabalho de melhor qualidade foram perdendo a sua ocupação. O mercado de trabalho em 2016 acabou expulsando com mais intensidade a população negra do que o restante – observa Iracema Castelo Branco, supervisora do Centro de Pesquisa de Emprego e Desemprego da FEE.

ÍNDICES MAIS NEGATIVOS NA POPULAÇÃO FEMININA

Com a precarização, caiu bastante a proporção de negros ocupados que contribuem para a Previdência Social (de 82,6% para 77,5%), enquanto entre os não negros a redução foi menos significativa (de 84,6% para 83,8%). A pesquisa também mostrou que a população afro se concentra em ocupações menos valorizadas: 71% está na construção ou nos serviços. De cada cinco mulheres negras, uma é doméstica, índice duas vezes maior do que o registrado entre as não negras.

De forma geral, é entre a população negra feminina que se registram os índices mais negativos. Mesmo um dado que à primeira vista poderia parecer bom (a queda de rendimento entre essas mu-

lheres foi a menor, em comparação com a dos demais negros e dos não negros) esconde uma realidade incômoda.

– Elas tiveram queda menos intensa porque tinham o rendimento médio balizado pelo salário mínimo. A perda é menor porque já estão no piso e dali não tem como reduzir – explica Iracema.

Realizado com base em entrevistas domiciliares, o levantamento foi apresentado pela FEE, em conjunto com a Fundação Gaúcha de Trabalho e Ação Social (FGTAS) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Os participantes esperam que os dados levantados ajudem a nortear políticas públicas que colaborem para a inclusão racial no mercado de trabalho.

– A pesquisa mostra que se solapa o futuro da população negra do ponto de vista econômico. Trazer esses números tão dolorosos à luz tem um objetivo: desenhá-los cada vez mais o interdito ao racismo na sociedade em que vivemos e no mercado do trabalho. Serve para trazer, denunciar e esclarecer isso – afirma Lúcia dos Santos Garcia, do Dieese.

Kleber Rocha, da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra da OAB-RS, louvou a iniciativa:

– É fundamental que esse tipo de levantamento seja materializado, que os pesquisadores se envolvam com essa pauta, para que a gente possa ter elementos objetivos com relação à população negra. Se existe compreensão sobre a defasagem entre negros e não negros, é possível pensar em estratégias que deem conta dessa disparidade. Sem as informações, a tendência é de que o mercado mantenha a mesma trilha e que o distanciamento entre os segmentos negros e não negros só aumente.

SOCIEDADE

Nascimentos recuam após seis anos em elevação

O número de nascidos no país em 2016 caiu 5,1% em relação ao ano anterior, interrompendo tendência de crescimento que vinha desde 2010. O fenômeno aconteceu em todas as regiões do país. É o que mostra a pesquisa anual Estatísticas de Registro Civil, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Uma das hipóteses levantadas pelos pesquisadores para explicar a queda do número de nascidos é o surto de zika, que inibiu mulheres de engravidarem. Reforça essa hipótese o fato de o Estado de Pernambuco, que teve muitos casos da doença, ter tido a maior queda do número de nascimentos ocorridos e registrados em 2016 entre todas as unidades da federação. Também é possível que a crise financeira por que passa o país tenha desincentivado casais a terem filhos. O Rio Grande do Sul teve 4,7% nascimentos a menos em 2016 em relação a 2015.

Se o número de nascidos caiu, a idade das mães se manteve a mesma de 2015. Mulheres do Norte e do Nordeste foram mães mais jovens do que no resto do país. Na região Norte, há maior concentração no grupo de idade de 20 a 24 anos (29,6% dos nascidos). Isso se explica, em parte, pelo fato de o local ter uma população relativamente mais nova do que nas outras localidades do país.

Já as regiões Sul e Sudeste têm as mães mais velhas. Nelas, o maior percentual de nascimentos ocorre entre mulheres de 25 a 29 anos (24,7% no Sul e 24,3% no Sudeste), 20 a 24 anos (23,5%) e 30 a 34 anos (22,1%).

As pessoas também se casaram menos em 2016, tanto gays quanto heterossexuais. Houve redução de 3,7% no total de casamentos em relação a 2015 no Brasil. A estatística só leva em conta casamentos de papel passado, excluindo outros acordos, como uniões estáveis. O RS também acompanhou a queda no comparativo entre 2016 (39.218) e 2015 (41.416).

Divórcios aumentaram no país, mas o número de concedidos em primeira instância no Rio Grande do Sul caiu nos últimos dois anos. Os dados se referem a casamentos heterossexuais. Não há dados sobre divórcios de casais do mesmo sexo.

GAÚCHAZH.



Veja outros dados da pesquisa em bit.ly/negrosFEE